

Apresentação

Apresentamos ao público legente mais um volume da Revista Jurídica do Ministério Público do Amazonas, órgão cultural que tem a primordial função de oxigenar o pensamento jurídico institucional. Não podemos esquecer a lúcida advertência de Hannah Arendt de que opiniões e ideias que não são revistas ou reexaminadas, periodicamente, acabam se transformando em preconceitos.

A submissão de todos os fenômenos jurídicos e sociais, desconhecidos ou ainda não dominados, a uma investigação teórica séria tem sido um mecanismo de construção de certezas esgrimido por nossa Revista sob a supervisão rigorosa deste Conselho Editorial. A preocupação básica de nossa equipe não é o apelo da publicidade nem as delícias dos aplausos fáceis, mas a sensível tarefa de prestar serviços à comunidade jurídica. E é sob este crivo que todos os trabalhos e ensaios são examinados e aprovados.

A nossa *intelligentsia* tem sido incansável, determinada e dedicada a um trabalho contínuo de dispersão de ideias recolhidas nas melhores doutrinas.

Cada parcela de verdade é conquistada com muita luta, renúncia e sacrifício. Como dizia um velho filósofo, fazer de cada **sim** e de cada **não** uma questão de consciência, faz do serviço da verdade o mais difícil de todos os serviços. Dedicção e trabalho podem definir e traçar os limites entre uma obra intelectual valiosa e um alinhavado de palavras inúteis. Se pudéssemos reduzir o conceito de homem de ciência numa única palavra, esta seria certamente **fazer**. O homem faz tudo: as técnicas, as artes, as línguas, o direito, as nações, as civilizações. Se conhece pela ciência algum objeto que não fez, é ele que faz a ciência e, portanto, por meio do que fez descobre o que não fez. O próprio

homem é autor de si mesmo. E como dizem os italianos: *piacer fatto non va perduto*.

O homem de ciência, no dizer de Hans-Georg Gadamer (*Elogio da teoria*, trad. João Tiago Proença, p. 112/113) é o maior fator produtivo da nossa economia e, sem a continuação do desenvolvimento produtivo da ciência, sem descobertas científicas e as suas engenhosas aplicações, não podemos hoje manter o nosso próprio padrão civilizacional, nem sequer esperar condições condignas para a vida da humanidade no seu todo. É a ciência que determina profundamente a forma de existência do homem de hoje.

O presente volume de nossa Revista constitui-se num desafio à qualidade de investigadores de nossos colaboradores. É, antes de tudo, uma tentativa exitosa de prestar serviços úteis. Assemelha-se nisto a uma imagem elaborada há tempos por Rui Barbosa: de que não se deve contentar-se apenas em plantar a couve para o prato de amanhã, mas o carvalho para a sombra do futuro. E nisso vemos o desejo ardente de prestar serviços, de enriquecer o debate com novas informações e ideias, de enxadar e abrir novas sendas, arrancando à ciência jurídica suas recentes descobertas. Eis o grande diferencial: nosso órgão cultural não se presta a ser mera correia de transmissão, recebendo e repassando informações, mas um catalisador que processa os dados recebidos e como numa síntese química entrega algo absolutamente novo.

Conselho Editorial